

The book cover features a textured, light brown background. A large, solid red circle is positioned in the center-right. To the left of this circle, there is a stylized, high-contrast black and white illustration of a bird's wing and tail feathers, with a paper airplane flying above it. The title 'ENGENHARIA' is printed in large, bold, white, sans-serif capital letters across the top of the red circle. Below it, the subtitle 'de Avião zinho' is written in a smaller, white, monospaced font.

**ENG
ENHA
RIA**

de Avião
zinho

Heraldo HB



HERALDO HB

2009





**ENG
ENHA
RIA**
de Avião
zinho

HERALDO HB
2009



Esteio Editora



copyleft () 2009. heraldo hb

desenho gráfico
Thiago Venturotti

foto do autor
Noélia Albuquerque

Bezerra, Heraldo
Engenharia de Aviãozinho. Esteio Editora, 2009.

1. Poesia brasileira. I. Título.

68p.

CDD B869.1

ISBN: 978-85-86589-04-1

Impresso no Brasil. Primavera de 2009.

www.relinkare.com.br/engenharia

APRESENTAÇÃO

Heraldo HB escreve um tipo de poesia que pulsa e vibra. Seus textos são compostos sempre por um conjunto de versos (quase) livres conectados entre si, e cada verso vive, sente, age, ama e reclama de maneira (quase) independente.

Sua poesia busca inequivocadamente uma forma de reflexão tão ampla e sobre coisas tão variadas que dificilmente permite a quem lê alguma possibilidade de indiferença. É poesia pura, cristalina e às vezes até choca, não pela agressividade, mas pela sutileza.

E essa é apenas uma das faces de Heraldo HB.

Poeta, escritor, jornalista, cineasta, radialista e mais uma infinidade de coisas, HB é um fazedor de cultura nato.

Nos tempos “mudernos”, dominados por vários especialistas em bobagens variadas e até por doutores em coisa nenhuma, o universo artístico de HB impacta pela amplitude, pela capacidade de fazer, como diz a canção, tudo ao mesmo tempo, agora.

Diante de cada poema lido encontra-se sempre algo além da própria poesia. Um emaranhado de coisas e sentimentos que eclodem de maneira tão evidente que às vezes, muito provavelmente, fugirá dos lábios de quem as lê alguma involuntária expressão de espanto: “- então é isso?”.

Na verdade a poesia de HB tem essa capacidade especial de desvendar alguns mistérios da alma humana, traduzindo com uma complexa simplicidade alguns dos sentimentos que mais nos incomodam.

Acima de tudo, no entanto, a poesia de HB sacode - com toda a delicadeza do mundo - a poeira da alma de quem a lê; é como se o acordasse de um sono profundo para uma convocação solene, para uma luta iminente em favor da vida, para uma guerra diária, que, uma vez vencida, provaria a humanidade que ainda é possível viver e sonhar na medida certa e de forma honesta, sem que para tanto sejamos obrigados a assumir compromissos com a tolice vigente ou com a hipocrisia do planeta.

Escondendo nas entrelinhas - e às vezes até fora delas - uma dose calculada de bom humor, a poesia de HB na verdade nos chicoteia, pois sabemos que o que queremos é exatamente aquilo, mas permitimos, de forma sacrílega em relação à vida, que as dores e armadilhas do mundo nos

levem para o outro lado, nos imponham outros destinos e desvirtuem nosso caminho natural.

Trata-se de uma poesia que, rindo dos nossos medos e de maneira completamente sublime, denuncia nossa inércia diante dos fatos ao mesmo tempo em que estimula nossa reação e atiza nossa capacidade de ir mais longe, de enxergar a palavra além da palavra e estabelecer uma relação de cumplicidade com as coisas e sentimentos naturais. É uma poesia sã nascida em ambiente insano para se contrapor à própria insanidade.

As técnicas mais apuradas da engenharia são aplicadas às palavras para a construção de belíssimos aviõezinhos de papel, instrumentos plenamente eficazes na reconstituição e na retomada da tranqüilidade perdida.

Nossos dias merecem mais poesia e as pessoas, constantemente fustigadas pelas vicissitudes, merecem algo que possa restabelecer a condição humana como paradigma básico do que se convencionou chamar felicidade.

A poesia de Heraldo HB faz isso. Basta que saibamos embarcar em seus aviõezinhos para que possamos gozar dos benefícios dessa avançadíssima engenharia de ponta.

Vicente Portella



ÍNDICE

Atire a Primeira Pétala | 13

Arte de Arquitetar Nuvem | 35



Os textos que compõem este livro foram escritos em vários momentos da minha vida, formando uma espécie de coletânea de mim mesmo. Muitos já foram publicados em zines, sites na Internet e revistas de poesia, e circularam em eventos culturais nas várias quebradas por onde ando.

Em geral, registram momentos de animadora fé e momentos de resignada descrença. Publicar este livro é uma prova de que a fé ainda tem o maior peso nessa balança.

Pra João de Deus, saudoso poeta, onde quer que esteja, pela inspiração e amizade.

Pra Carla, pelos muitos cafezinhos na cafeteira italiana.

Pra Flávia, pelo doce pretinho.



ESSAS PUBLICAÇÕES E SEUS INTRÉPIDOS
RESPONSÁVEIS FORAM VITAIS:

Escória, zine porrada de Paulo KMKZ, atual Elvis do Forró;

Desmaio Público, zine catalisador capitaneado por Cezar Ray e Eud Pestana;

Revista Arrulho, heróica publicação editada por Eduardo Ribeiro;

Escracho do Regaço, zine catucador de mentes produzido pelos “caras” Lencinho e Thiago Venturotti;

Luz da Sombra, segundo livro do poeta Vicente Portella.

“A melhor coisa que você pode fazer por uma pessoa é inspirá-la,” frase de Bob Dylan que é um dos motes do Cine-clubes Mate Com Angu.

Obrigado a todos que ajudaram nesse parto!

Heraldo HB

ATIRE A PRIMEIRA PÉTALA

ATIRE A PRIMEIRA PÉTALA

pega a regra

e

a

que

bra

e a cobre de beijos gregos, louca

na boca prosa

goza frouxa

esfrega o grelo, os colhões

contra os grilos e os grilhões da tua prisão

faz do atrito teu trono e troféu

e traz o céu pra perto de ti

troca a tranca e os segredos

da refrega de viver

e revela tuas troças, tuas travas,

tropeços e trapaças

e aproveita e atravessa

a nuvem espessa da tragédia

experimenta uma vez o treco

dá o troco

- viva!

e reinventa o troço incerto de ser livre

é de com força que eu chego mais primeiro
no esconderijo onde mora o tal menino
engenheiro de aviõezinhos
comandante no navio de simbá
general em guerras de mamonas
pipavoadas inveteradas.

sabe-se pouco sobre o paradeiro.

não parava quieto.

morava na árvore.

ganhou o mundo num carrinho de rolimã.

deixou pistas, e uma coleção de selos

e revistinhas em quadrinhos

e uma lata de bola de gude cheia até a boca.

ganhadas à vera, é bom dizer.

visto ultimamente de paletó.

tipo perigoso, come casca de ferida

e agüenta porrada na boca do garrafão.

a propósito, diz ele que agora é grande.

aliás, mais grande.

mas de com força eu chego no sujeito

pra ele aprender, moleque safado.

pode acreditar.

mesmo o galho mais seco
 traz nele o pulso vivo da semente.
 exatamente como gente,
 como bicho
 e como o olho do menino escondido.

mesmo a pequena gota que cai do olho,
 salgada e quente e pequena
 traz a saudade pujante do mar
 o mar de dentro
 o mar que vira amar.
 isso porque a estrela mais longe ainda guarda mistérios...
 a dor mais profunda é a que traz força
 e como qualquer poeta sabe: a escuridão é amiga da luz.

a poesia resiste insana
 flor singela de desertos
 água forte, bruta sorte – coisa ruim...

e a fé na loucura nos norteia
 nos preenche
 e traz a coragem contra a inércia,
 contra a cruel tirania
 de tantas folhas de papel em branco...

há que chegar o rimador
 artista também espectador
 e rimar
 pintor com administrador
 tambor com computador
 e amor com liquidificador

lanço meu olho às estrelas
 e danço
 ao som que vem do balanço
 das galáxias
 e das duas partes da minha cabeça

parece de pó o universo
 e prece
 e a luz do satélite aquece
 o palco do meu corpo
 e perece

viajo com a nave solta
 e reajo
 à dança maluca do pensamento
 voante perdido ao vento
 vivo

à noite meu canto é livre
 no pasto sagrado do infinito
 e é bonito
 grito
 rico
 louco

lanço meu olho às estrelas
 e viver passa a ser
 ser



vem ser
 minha amada
 minha dama
 minha mamada
 minha mama
 minha cama
 minha moda
 minha toda
 minha foda
 minha mina
 minha menina
 minha fama
 minha fome

vencer
 meu medo
 meu mundo
 meu mando
 meu marco
 meu modo
 meu mimo
 meu molde
 meu mesmo
 meu metro
 meu molho
 meu malho
 meu nome

vem?

soltar o amor pra ver
 pra ter
 pra zer
 pra zen

o calor do contato
 o calar do encontro de fato
 com tato
 olfato
 amor sem palavras
 tudo
 ato

corpo cheio de alma
 acalma meu estado de não
 que insano se espanta
 corpo felino que ruge
 e encanta o menino que canta

objeto que ri como raio
 e incendeia meu campo sem léu
 mel

coisa

corpo

objeto
 que explode pontes em mim
 que arranha meu céu
 meu véu de carmim
 que me queima
 me compra

me vende

acende o desejo escondido
 perdido
 devasso

coisa

corpo

objeto

você

mergulhar cegamente nas profundezas desses olhos
 e se agarrar aos cabelos com desespero de afogado.
 dançar no corpo, incorporada bailarina
 se embriagar se drogar comprar bagulho na tua boca
 cheirar lambar ouvir a música do ouvido
 sentir choro amar riso beijar raiva tocar seio

(brincar com o medo como o gato que brinca com o
 rato antes de devorá-lo)

fantasmas cobriram todo o mundo
 e só restou descoberto o desejo
 loucopoeta que envenena a razão
 que quebra trancas de segredos
 que cobra beijos desvairados
 - poeta louco da porra!

toda paixão é só um mundo
 todo mundo é só uma música
 todo pecado é só a culpa só
 teu corpo é meu fantasma
 e tua palavra é meu leite

te quero como o segundo quer a eternidade.

a noite e o seio
da amiga, generoso
brincando na lua
sereno meu gozo

estrela cadente
de estranho recorte
uma ponta é o este
- teu riso meu norte

tua nebulosa
ilumina e maltrata
(é vão o açoite...)

e vago em êxtase
do ousado beijo
na boca da noite

um desejo de bolha de sabão
atira a primeira pétala em mim.
uma querência de cosquinhas, sim!
bolinando as certezas da razão

e vagamos dançando na canção
dessa noite querendo querubim
malucos doidos sem enxergar fim
belos ébrios de álcool e de paixão

conquistando mundos, o tudo e o nada
despetalando-se em sonho e alegria
até o som, até aquilo que não vejo

até o amor explicado à madrugada
na pressa, na praça, na fantasia
e na loucacidade do desejo.

a vejo passar, faceira, e meus anelos
 viram como que poeira de chinelos
 comparados aos seus tons tão caramelos,
 ao gingado caracolizado dos cabelos
 como que ritmados ao sons de violoncelos.

a vejo na rua, concentrada, e são belos
 seus trejeitos de princesa de castelos
 passos doces mas bem firmes - mil martelos
 afirmando mil desejos tão singelos.

quando a vejo vou revendo todos elos
 que nos prendem aos estresses cidadelos
 e os desejos sem sentido são farelos
 comparados ao que sinto nos desvelos

e só mesmo quando a vejo sinto apelos
 como shakespeareas de romeus e de otelos
 como a música encantada dos libelos
 como a voz de girassóis ultramarelos.

manhã de domingo
 manha
 com a leveza do mar depois da fúria
 com a beleza do bar depois da festa
 passeando nas ruas da cidade
 como corpos amando o que nos resta
 vivendo só o que interessa

serpenteava seu desejo solto
 na mira insana do meu membro em riste
 e ofertava alegre o seu beijo triste
 no altar profano do meu falo douto

depois dormia com o gozo envolto
 como uma fera em que o prazer insiste
 em saciar-se mesmo quando existe
 a avidez tragante de um mar revolto

não há vinho mais embriagante
 nem gratidão que seja mais sincera
 que esse amor carnal, misto de alma e paz

que nasce belo desse encontro amante
 filho do desejo, atração à vera
 e que só pede entrega – nada mais.

como pães de forma
 sem forma e recheio
 ou um prefixo e um sufixo
 sem nada no meio

com tesudo preâmbulo
 lambe-se

conteúdo lânguido
 expande-se até o êxtase

e eu criodescrio fórmula
 no cio o arrepio o desvario
 sem forma sem recheio
 ser norma lá no meio
 onde sei que me enfio

sim, eu sei:
 a luz da lua provém da luz do sol,
 da luz do sol provém a cor
 e da cor provém a vida
 e o elo
 entre tudo o que é vivo
 e tudo o que é belo
 assim como o singelo quadro
 em corpos nus



e também sei que sempre existe alguém
 que luta e escuta o som do arco-íris
 e pinta as telas vazias
 com portas e saídas e janelas
 e com aquelas esperanças que insistem em viver

e essa é uma gente que tem
 a candura da floresta,
 da festa,
 e a força do arqueiro zen
 como um guerreiro menino
 como o flecheiro destino

como a fúria doce da água
 que nada detém
 mas tudo alimenta,
 e inventa;
 como uma frondosa árvore,
 que, generosa, estende seus ramos
 a cinqüenta pássaros
 a cinqüenta sonhos
 há cinqüenta anos
 assim como corpos nus
 assim como a vida, o elo,
 o belo
 assim como a cor
 assim como a luz

pro paullo ramos

aprender o mar é preciso.
 no seu mistério sem palavra
 no conspirar das suas ondas...
 quiçá mirá-lo até o êxtase
 e depois, embriagado de azul,
 afogar o medo
 em toda sua imensidão.

aquele cara.
 um homem dado a vadiações.
 rodas de samba e capoeira,
 blues rasgado em noites de copacabana.
 de bocas e beijos bacanas.
 alguém que ama os bondes
 e os condes & maquesas das marquises,
 os felizes solitários e os vagabundos
 poetas escondidos dos subúrbios.

errante mundo afora, vivente mundo a dentro.

daqueles que tem impulsos irresistíveis de cantar nos coletivos,
 de chorar em ombro amigo,
 de sonhar com um mundo bom.

daqueles que nunca teria um poodle,
 que detesta pedantismo,
 em touradas torce sempre pelo touro,
 do tipo que têm uma mala de couro marrom
 e sonha com alguma amada especial
 perdida lá atrás num atalho da vida...
 e canta mágoas em sambas lentos
 alegres lamentos melódicos em rodas de amigos.

que acredita no amor por isso sofre.
 sofre bem, por isso ama.
 ama bem por isso vive.
 vive bem por isso tudo.

alguém que a cada dia desaprende mais, feliz e apaixonado.

ARTE DE ARQUITETAR NUVEM

ARTE DE ARQUITETAR NUVEM



como ser feliz um dia

e ter o amor tão decantado

se até o ar (quem diria...)

pode ser condicionado?

o poema-flor, o poema-amor
o poema certo e reto
poema de moças de laçarotes em parapeitos de janelas
enfim, o poema oh, assim-assim
este poema, amiga, eu o sujo com a palavra bosta.
bosta.

quem sabe também com a palavra sangue
o sangue derramado nos assassinatos das esquinas
o sangue escorrente das menarcas das meninas.
sangue.

o poema-azul, o poema-sul
poema positivo, morto-vivo
poema de boas maneiras de hipócritas bandeiras
enfim, o poema tapinha nas costas
este poema, caro amigo, eu o mancho com a dura fome.
fome dos que nem tem nome, nem causa, nem pouso.
fome.

e a viver só fantasia
prefiro um poema que nem sei
fora do tom
fora do dom
fora da lei

às vezes é bom vazar o som
às vezes é bom matar o bom

a **ORDEM**
me **MORDE.**
eu **MEDRO**
ela **DORME.**

entre
a espada
e
a parede,
a espada

não morre de amor
quem morre de medo
de morrer de amor

se eu me chamasse um segundo
e visse o instante fecundo...
mas não.

drummond, drummond,
quantas vezes me confundo
com o fundo
com o mundo
com o puto do raimundo

branca
a nuvem brinca no céu que nem criança
e faz que dança dance me lembrando de você

branca,
a tapioca maluca açúcar louca
faz com a boca um bico belo de se ver

e a cabeça panca
o peito tranca
o desejo estanca
o amor é a arte de arquitetar nuvem
e a saudade é branca.

talvez o grito
ou só o eco
de quem fugiu desajeitado
e correndo chegou
ao fundo do que poderia ter sido...
lá onde tudo beira o desnecessário
e um terrível algoz (o Amor)
canta belas canções
enquanto esfabela mais um crânio...

solteiro de novo na via
expressa da nossa agonia.
ainda com dor e sem guia
sigo pro bar todo dia.
e viva la putaria.

tamos aí na lida
vida escrita a caneta hidrocor
hidra esfinge medusa
que abusa o mistério da dor,
o doce azedo incomum
e o som do peito: baticum
batmanizado sem saber.

tamos aí na luta
na puta incerteza do fim
e em mim um fogo que alarde
arde sintomaticamente ligado
esperando por alguém que não mais vem.

a poesia não se entrega como pizza
como pizza e a poesia não se entrega
pizza que não chega, vida que não rega
nem come regra
nega que renega, fome que nem chega
e a poesia não nos chega como fome
sem nome nos entrega que nem pizza
pizzas que nos chegam como fome
como verso como pizza como nome
como você, entregue à vida
e nada regra, nada chega, nada rega
a poesia

desata o nó que a coisa vai.
sacode o pó que a casca cai.
não tenha dó que a vida trai...
se deixe só que a dor se esvai...

zap zap zap

não creio mais em amor

sem tecla sap

vidas

dú

dí

v

idas

navalha-me deus
navalha
deus me corta e esmerilha
- sou limalha

abrir esse peito
trancado tão moço
fechado pra almoço
à procura de um segredo
dentro do guarda-medo
esse i-móvel defeito

coração caracol
nem sai fora tomar sol
solitário não tem jeito
porque quer um outro nível
pra querer o impossível

é preciso abrir esse peito

se eu tivesse um sonho valioso
eu venderia.
e com dinheiro eu compraria
outro sonho bem novinho
de alguém que sonha tão mesquinho
que até seu sonho nada valeria.

embaixo do chapéu tinha um homem
e embaixo do homem um sapato
e embaixo do sapato tinha um chão.
embaixo do chão, subsolo
e embaixo desse, ah, é o japão.

não tem a menor graça
fazer troça de quem passa
de carroça pelo mundo.

no fundo é só na raça
que se roça a carapaça
do saber profundo

tanger boi na praça
talvez possa criar massa
crítica bem no fundo

e viver simples talvez faça
vista grossa pra cachaça,
sendo sábio vagabundo.

calo, sobrevivo
falo, supervivo
é tolo duelar com o destino?
hum...
escreve o menino-adjetivo:
o poema é uma espécie de assassinato da Poesia...
e eu digo a palavra e assassino
disseco, dissono, destôo - corro o risco

sobre a cabeça pairam fantasmas
e piro
e a pira incessante arde no peito amarrado

as mortes escondidas, os amores não-vividos, a vida
congelada...
e o nada e o nada e o nada
os sonhos que partem de mim são flechas de esperança
são doces anjos cruéis
são joões, gabriéis e muitos mais
amores e dores, metais
raros fundidos no homem bissexto

e os versos vertidos
são frases sofridas
soltas,
avidamente à procura de um contexto.



dezembro dia primeiro
tomara amanhã já-neiro

dezembro é todo véspera.
é iminência explosiva
confundida com desejo.
dezembro se guarda em pétalas
quereres ocultos de esperança
de quem não mais espera
dezembro é fim de primavera
é fim de finitas ilusões
como se os sonhos envelhecessem
e caducassem e se asilassem
no fim de mais um dezembro
dezembro é verão
varandas com papais noéis
e pinheiros gelados ao sol de dezembro
chuvas e gentes, enchentes
formigas nos shopping centers
dezembro é solidão do poeta no meio do povo
comerciais de televisão
nada de novo na multidão
somente dezembro
nada mais

dezembro é como uma febre ardente
anualmente endêmica
eu foria, tu barão delirante
dezembro não tem cura
não tem fúria e não tem paz
e paira suspenso no ar
é nada é éter é vácuo
dezembro é vazio mas é cheio
recheio recreio repente
dezembro renova
dezembro sufoca
dezembro é sempre amanhã
é sempre ontem sempre nunca
dezembro é de plástico
é elástico e patético
sintético, sintomático, sem sobra
dezembro é súbito
dezembro está sempre por um fio
cristal guardado pra manhã

dezembro chegou como nunca
como sempre chega
sabor carnudo de manga
e a cor sangrenta e denunciante da flor do flamboyant.

atira na cabeça do tirano
como?
tirando o tirano da cabeça.

desarma a polícia do teu peito
destruindo o carcereiro e o suspeito.

vai no fundo da tua alma e pira
desalojando lá de dentro o velho tira.

uma coisa existe e pronto.
existir basta.
a vida é triste (e ponto)
quando se arrasta.

xta.
 de alguma forma ainda ama
 ele sabe.
 ainda que intransitivo
 ainda que intransigente e intransponível
 em algum lugar escondido
 amor desejo bandido
 banido sem perspectiva - introspectivo
 sem expectativa - mas profundamente
 vivo...

de alguma forma ainda ama
 ainda que nunca
 ainda que tarde
 ainda que amarrado
 mesmo que incognitamente seu coração
 vadio,
 quem sabe,
 tenha se mudado.

cara, a vida é bela.
 a vida só não é mais bela
 que a letícia sabatella,
 que o sanduíche de mortadela,
 que casal amando na janela,
 que a chuva molhando a cara dela,
 que a rosa púrpura na tela,
 que a velha guarda da portela.

primeiro: boot & input.

criança: yakult & gut-gut.

mais jovem: kichute. lute! & cut.

18: bute.

adulto: cult. caput. orkut. put. root. ruth. mamute.

depois: ?...

(o amanhã é chute.

a vida é multi.

a morte é mute.)

cantou.
não deu certo.

sorriu.
também não.

bateu.
não deu certo.

apanhou.
também não.

amou.
muito.
não deu certo...

quer agora não dar
certo.
tomara não dê certo.

sento à sombra de montanhas invisíveis
 e incríveis baobás de sonho e sol
 lento
 vago
 e estelar
 sinto a espera do agora em minha mente.
 cometo cometas meto meteoros
 e curto o chumbo do céu, chuva iminente
 e o silêncio solitário solidário pós-trovão
 e viajo.
 (o eco surdo do som sem sim é quase não)

 desberlotando pensamentos
 destravando rodas presas
 revejo tratos repinto quadros na parede nua



cidade intensa lá embaixo
 louca de normalidade
 e ignorância
 ígnea ação
 se consumindo sem porquê

se a chuva lavasse levasse o lodo sujo
 seria um sinal, senha pra esperança
 nessa fumaça que desenha nuvens sãs
 santa a sobra de sensatez que ainda pode nos ajudar
 mas que hoje é sonho.
 sinto a sombra da nuvem sobre a cidade
 na espera de um devir descrente e cru.

os primeiros raios riscam o céu como fósforos de deus.



SOBRE O AUTOR

Heraldo HB nasceu no século passado, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Animador cultural, músico, compositor e escrevedor. Fundador da rádio Quarup FM, do portal Baixada On, do Instituto Biotrópico Tribo.Net, da Relinkare Produções e de alguns empreendimentos que ainda não o tornaram rico. Também atua em projetos de Educação Popular e Comunicação Comunitária.

Atualmente, trabalha mais de com força no Cineclube Mate Com Angu (www.matecomangu.com.br) e no Observatório Ambiental Humano Mar (www.humanomar.com.br). Nas horas vagas tira um som com a banda Comparsaria.

Contato: hb@relinkare.com.br

AOS CURIOSOS:

Capa e miolo impressos em off set com tinta a base de resinas vegetais no papel reciclato 90g. composto com a tipografia Garamond Premier Pro em dezembro de 2009. Brasil, Planeta Terra.



**Esteio
Editora**

ISBN 978-85-86589-04-1



9 788586 589041

